

**ASSOCIAÇÃO CARUARUENSE DE ENSINO SUPERIOR
CENTRO UNIVERSITÁRIO TABOSA DE ALMEIDA
(ASCES-UNITA)
RELAÇÕES INTERNACIONAIS
COORDENAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE TCC**

**TERRORISMO: UMA ANÁLISE DA LITERATURA SOBRE IMPACTOS
NA ECONOMIA (2001 – 2017)**

**FABIANO ZACARIAS SILVA
FERNANDO WEKSLEY TENÓRIO XAVIER TAVARES
JOÃO MARCOS JUSTO LINS**

**CARUARU
2018**

**ASSOCIAÇÃO CARUARUENSE DE ENSINO SUPERIOR
CENTRO UNIVERSITÁRIO TABOSA DE ALMEIDA
(ASCES-UNITA)
RELAÇÕES INTERNACIONAIS
COORDENAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE TCC**

**TERRORISMO: UMA ANÁLISE DA LITERATURA SOBRE IMPACTOS
NA ECONOMIA (2001 – 2017)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Banca avaliadora do curso de graduação em Relações Internacionais do Centro Universitário Tabosa de Almeida (Asces-Unita)

Orientadora: Prof.^a Dra Mariana Lyra

Orientandos: Fabiano Silva; Fernando Weksley; João Marcos.

**CARUARU
2018**

Resumo

No mesmo período em que a globalização estava em evidência, e com um capitalismo cada vez mais informacional, com o mercado financeiro ganhando protagonismo, e assumindo o posto de principal plataforma na nova economia global, ataques terroristas mudaram definitivamente as estratégias de segurança nacional, principalmente dos Estados Unidos, e trouxeram à tona um novo inimigo internacional em comum a os países componentes da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN): o terrorismo. Esse presente estudo visa analisar os impactos do terrorismo na economia, de 2001 a 2017, com a finalidade de embasar, explicar, e enriquecer a literatura relacionada aos temas, segurança e economia. Portanto, evidencia-se a importância de estudos realizados sob uma perspectiva Sul-Americana das Relações Internacionais, que ainda possuem uma pequena produção relacionada a esses temas.

Palavras-Chaves: Relações Internacionais; OTAN; Economia; Terrorismo; Mercado Financeiro.

Abstract

In the same period in which globalization was in evidence, and with an increasingly informational capitalism, with the financial market gaining prominence, and assuming the position of main platform in the new global economy, terrorist attacks have definitively changed national security strategies, mainly from the United States, and brought to the surface a new international enemy in common to the North Atlantic Treaty Organization (NATO) component countries: the terrorism. This present study aims to analyze the impacts of terrorism on the economy, from 2001 to 2017, in order to support, explain, and enrich the related literature, safety and economics. Therefore, it is evident the importance of studies carried out from a South American perspective of International Relations, which still have a small production related to these themes.

Keywords: International Relations; NATO; Economy; Terrorism; Financial market.

INTRODUÇÃO

O fim da Guerra Fria representou uma mudança de paradigma nos estudos de Relações Internacionais. A esperança em um futuro pacífico e estável cedo se mostrou uma realidade utópica (DUFFIELD, 2007). Dez anos após a queda do bloco socialista, em 2001, outro inimigo mostra sua força ao atacar a maior potência político-militar do planeta: os EUA.

A globalização trouxe vários benefícios, tais como os avanços tecnológicos no campo da comunicação e da ciência, mas também intensificou a complexidade das relações internacionais. O mundo está vivendo uma nova fase do capitalismo, que segundo autores como o sociólogo espanhol Manuel Castells, atingiu seu período informacional¹. Segundo Castells (1996), essa nova economia global é caracterizada pelas trocas de informações, de capitais, e principalmente de fluxos que regulam e condicionam a produção e o consumo da sociedade.

Nessa etapa, o sistema financeiro ganhou grandes proporções, o mercado de capitais alcançou um dinamismo sem precedentes, principalmente nos países desenvolvidos. Uma característica dessa fase do capitalismo é o aumento dos capitais especulativos, mais conhecidos como *hot money*². Os ataques de 11 de setembro de 2001 mudaram definitivamente as estratégias de segurança nacional, principalmente dos Estados Unidos, e trouxeram à tona um novo inimigo internacional em comum a os países componentes da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN): o terrorismo.

Com o capitalismo, nessa nova fase informacional e extremamente conectado, em que um fato ocorrido em um Estado pode produzir efeitos no mundo todo, dois campos de pensamentos distintos argumentam sobre os impactos de um atentado no sistema financeiro. A primeira linha defende que atentados terroristas, como os de Paris (2015) ou de Londres (2017), por exemplo, tendem a impactar diretamente o sistema financeiro. A segunda defende que os atentados influenciam de forma branda, ou até mesmo de forma insignificativa. É razoável imaginar que o clima de terror tenha

¹ O conceito refere-se à evolução dos instrumentos técnicos do sistema capitalista, sobretudo envolvendo as transformações tecnológicas proporcionadas pela Terceira Revolução Industrial. ...; “O primeiro aspecto a se destacar desta nova era é que esta revolução tecnológica está centrada nas tecnologias da informação e comunicação (TICs)”. (SANTOS; 2004, p.45)

² Hot money, em sua origem, designa fundos aplicados em ativos financeiros, em diversos países, que atraem pela possibilidade de ganhos rápidos devido a elevadas taxas de juros ou a grandes diferenças cambiais. (BACEN, s.d, s.p)

efeitos nas bolsas de valores, mas, segundo Arif e Suleman (2017, p.03); Tradução nossa³). “Quando o terrorismo se torna uma parte do ambiente, a confiança dos investidores pode não ser abalada, e o mercado continua a funcionar normalmente.”

O Artigo justifica-se pela importância do tema para as Relações Internacionais; além da ainda pequena produção de estudos científicos que relacionam economia e segurança. Evidencia-se a importância do desenvolvimento de trabalhos acadêmicos que possam embasar, explicar e enriquecer a literatura existente sobre esses assuntos. Este estudo, portanto, será um dos primeiros a serem realizados a partir de uma perspectiva Sul-Americana e, mais especificamente, brasileira.

O presente artigo utiliza-se do método qualitativo de pesquisa, que é definido como um método no qual o pesquisador se apropria dos detalhes visando melhor entender o tema. Minayo (2001). Segundo Gil (2008) a revisão de literatura possibilita o melhor entendimento do objeto de estudo, para obtenção de respostas a respeito dos temas: economia e segurança, mais especificamente, de que maneira os ataques terroristas ocorridos nos países da OTAN impactaram na maior Bolsa de valores do mundo, a Dow Jones, no período delimitado entre 2001 e 2017. Como fontes, utiliza-se a literatura relacionada à economia e estudos de segurança, tendo como principais autores; BUZAN; HANSEN; ARIF E SULEMAN; MEARSHEIMER; RESENDE; SIDHU; GOLD. Utiliza-se para isto, documentos oficiais produzidos pelo Governo dos Estados Unidos Da América.

Portanto, esse tipo de metodologia é de grande importância para o estudo dos impactos dos atentados terroristas no mercado financeiro internacional, mais especificamente na Dow Jones no período de 2001 a 2017, pois sendo um dos estudos pioneiros a analisar economia e segurança em uma mesma conjuntura com o aprofundamento da pesquisa e a formulação de questões relacionadas ao tema, fará com que se produza novas informações para tratar esse problema, gerando assim possibilidades de reflexões sobre soluções dentro das Relações Internacionais.

TERRORISMO: Conceitos

O terror moderno surgiu no cenário internacional no século XIX, mais precisamente nos anos de 1880, na Rússia e nos Balcãs (RAPOPORT,

³ When terrorism becomes a frequent part of environment, investor confidence may not be affected and market continues to function normally.

2004). Rapoport (2004) definiu que o terror contemporâneo possui quatro ondas, em relação ao período histórico de cada uma. Essas ondas possuem características de ascensão semelhantes. As três primeiras ondas estão relacionadas a períodos de conflitos mundiais, estendendo-se do período czarista até o período da Guerra Fria. Ainda segundo Rapoport, o cenário internacional atual é representado pela quarta onda, que emergiu a partir da revolução Iraniana, em 1979, e com o início do declínio da URSS na Guerra Fria.

Quarta onda de terrorismo: o terrorismo de base religiosa

Em 1979, uma revolução transformou o Irã em uma república islâmica teocrática sob o comando do aiatolá Khomeini. Essa revolução pode ser definida como o ponto de partida para uma nova onda de terrorismo, de caráter religioso e extremista. Em um cenário em que a religião é utilizada para justificar atos violentos, como explosão de carros-bomba, e até mesmo auto explosões, atores como as organizações terroristas assumiram o protagonismo nas relações internacionais e nos estudos de segurança; grupos como a *Al-Qaeda*, e o Estado Islâmico do Iraque e da Síria utilizaram-se de estratégias de ação que levaram o fundamentalismo Islâmico a um patamar de ameaça elevado aos países ocidentais. Mais recentemente, em 2014, o grupo Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS) se autoproclamou um califado Islâmico, e tem atuado com estruturas e células descentralizadas e independentes, o que dificulta na eficácia de estratégias utilizadas no combate ao terrorismo.

O sistema internacional tem falhado em obter um consenso para uma definição oficial do terrorismo, uma vez que já foram realizadas treze convenções sobre o tema⁴ sem que chegassem a um consenso sobre a definição do termo.

⁴ A comunidade internacional construiu treze tratados em busca de um consenso para a definição de terrorismo. As convenções tiveram seu primeiro documento construído em 1963, e o último em 2007, sem que chegassem a um consenso sobre uma definição. Lista de convenções: 1. convenção sobre infrações e certos outros atos praticados a bordo de aeronave; Convenção para a Repressão ao Apoderamento Ilícito de Aeronaves; Convenção para a Repressão aos Atos Ilícitos contra a Segurança da Aviação Civil; Convenção sobre a Prevenção e Punição de Crimes contra Pessoas que Gozam de Proteção Internacional, inclusive Agentes Diplomáticos; Convenção Internacional Contra a Tomada de Reféns; Convenção sobre a Proteção Física de Materiais Nucleares; Protocolo para a Repressão de Atos Ilícitos de Violência em Aeroportos que Prestem Serviço à Aviação Civil Internacional; Convenção para a Repressão de Atos Ilícitos contra a Segurança da Navegação Marítima; Protocolo para a Repressão de Atos Ilícitos contra a Segurança das Plataformas Fixas Situadas na Plataforma Continental; Convenção para a Marcação de Explosivos Plásticos para Fins de Detecção; Convenção Internacional sobre a Supressão de Atentados Terroristas com Bombas; Convenção Internacional para a Supressão do Financiamento do Terrorismo; 13. Convenção Internacional para a Supressão de Atos de Terrorismo Nuclear.

A conceituação de Terrorismo é um processo volátil tendo em vista que os inúmeros conceitos podem divergir. A falta de um consenso está relacionada à complexidade da natureza humana e de suas atitudes, além da complexidade do sistema internacional, que abrange diferentes culturas, costumes e histórias. Outro fator para não haver um consenso são as abordagens diferentes, sejam elas acadêmicas, religiosas, governamentais ou psicológicas, impossibilitando uma definição única.

As definições e conceitos sobre terrorismo não entram em concordância nos debates acadêmicos, passando a não existir assim um conceito unânime para definir o que é o terrorismo em suma, e com o aumento da letalidade e violência das ações terroristas no contexto contemporâneo dificultam ainda mais a criação de um conceito amplamente aceito sobre o assunto. (LINS, 2015, p.04).

Após o 11 de setembro, os atentados terroristas na União Europeia e nos Estados Unidos tiveram uma ascensão no número de episódios terroristas, cerca de 24 atentados aproximadamente⁵, sendo assim a intenção do autor é apresentar que o terrorismo de quarta onda teve um aumento de ocorrências, letalidade provocados por ataques suicidas, e atentados generalizados em locais de aglomeração civil. Se encaixando no que a quarta onda de terrorismo define como terrorismo de cunho islâmico.

Alcântara (2017) sugere que a definição de terrorismo está diretamente ligada a diferentes fatores como a história, política e cultura das nações, impossibilitando um consenso sobre a definição:

O que existe são abordagens diferenciadas: governamental, criminal, psicológica, acadêmica e religiosa. A interpretação pode se dar de maneiras diversas: o terrorismo pode ser interpretado como um crime, como um ato de guerra, como um ato religioso ou como um ato político. Cabe ressaltar que não existe uma abordagem certa ou errada, e elas não são excludentes entre si. (ALCÂNTARA, 2017, p. 02).

Para Lins (2015, p.04), o terrorismo configura-se como uma guerra estratégica, que faz uso métodos violentos, “ameaça de violência, gerando pânico e medo, para coagir, persuadir e ganhar a atenção pública para suas ideias”. Já para Arif e Suleman (2017), o terrorismo consiste em uma tática utilizada para gerar medo e opressão, visando objetivos políticos, econômicos e sociais. Os ataques de 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque, ficaram marcados como o retorno de um dos maiores problemas de segurança do sistema internacional:

⁵ Vide anexo I com os episódios de terrorismo relatados no período de 2001 a 2017.

De um ponto de vista realista, o 11 de setembro mostrou, portanto, a verdade perene de que a ausência de conflito internacional não era indicação de uma mudança qualitativa irreversível, mas sim um lapso temporário nos vaís e vem das tensões dentro de um sistema anárquico (BUZAN; HANSEN, 2009, p.226).

A declaração de “guerra” ao terrorismo reacendeu o interesse no uso da força, em geral, e de todo o tópico da guerra, em particular (BUZAN; HANSEN, 2009). Para Resende (2015), a guerra ao terror deve ser interpretada como um discurso que buscou consertar os danos causados na crise dos ataques de onze de setembro de 2001 em Nova Iorque, com uma construção social determinando realidades:

Em uma relação de co-constituição entre identidades e interesses, a “Guerra ao Terror” foi capaz de converter diferença em “Outricidade” a fim de produzir fronteiras, separar o “dentro” do “de fora”, disciplinarizar o comportamento interno e legitimar a própria existência do Estado frente a redes não estatais de poder difuso. (RESENDE, 2015, p. 32).

No que se refere às causas do terrorismo, de acordo com Parambir Sidhu (2005, p. 26):

Identificar as causas do terrorismo é o fator mais importante para identificar os objetivos dos grupos terroristas. As causas profundas do terrorismo econômica, religiosa ou política. Na literatura sobre o terrorismo, as ideologias foram organizadas categoricamente de acordo com as queixas sociais, econômicas, religiosas e políticas. Cada tipo de organização terrorista tem características próprias definidoras, embora algumas características ou elementos se sobreponham.

Para Caldas Neto (2008, p.03), “O terrorismo dito global, ao invés de constituir-se um signo representativo da fragmentação do realismo, o reafirma no plano teórico do estudo das relações internacionais”. O terrorismo, portanto, marca uma nova fase nos debates teóricos em segurança internacional. Em uma era em que o capitalismo informacional se mostra tão forte quanto o capitalismo financeiro, o terrorismo se caracteriza como um problema não apenas de segurança, mas também social e econômico.

É informacional porque a produtividade e a competitividade de unidades ou agentes nessa economia (sejam empresas, regiões ou nações) dependem basicamente de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos. (CASTELLS, 2005, p. 119).

Nesse cenário, episódios de terrorismo caracterizados pela quarta onda evidenciam que apesar das estratégias de segurança que os países da OTAN adotaram após os atentados de 11 de setembro, os ataques continuam a acontecer, evidenciando a necessidade de estratégias mais eficazes para combater esse problema.

Impactos do terrorismo na economia

A data 17 de setembro de 2001 marca a reabertura da Dow Jones após os ataques terroristas de 11 de setembro. Tal evento marcou uma das maiores quedas desde a sua criação, em 1896, quando se tornou a principal referência do mercado americano de ações. A perda em sua reabertura foi de 7,13% - superando os cenários estritamente econômicos como a quebra do Lehman Brothers que foi o marco da crise financeira de 2008, quando a sua queda mais acentuada registrou - 6,98% - aquele momento foi marcado por muitas incertezas e temores de possíveis novos ataques e de como a economia absorveria esse novo cenário mundial que ali se desenhava.

Para Neusa Soliz (2002), os atentados no *World Trade Center* representaram um momento singular e decisivo na economia Norte-Americana, principalmente porque o mundo vivia o boom da globalização, e houve uma certa ilusão quanto ao crescimento e ao progresso sem crises. As consequências indiretas geradas pelos ataques foram maiores que as diretas, mas que não deixou de serem significantes. Fica nítido quando observamos o mercado financeiro, afetado tanto direta como indiretamente.

Segundo Karolyi e Martell (2006), os mercados financeiros não só foram confrontados com grandes perturbações de atividades causadas pelos danos massivos à propriedade e comunicação, pois grandes empresas do setor financeiras operavam dentro no *World Trade Center*, mas também com os crescentes níveis de incerteza e volatilidade do mercado.

Segundo Luechinger e Stutzer (2004), os atentados afetam os proventos das empresas e as expectativas de negócio das mesmas. A pauta terrorismo se tornou tão importante que grandes empresas e multinacionais têm núcleos para assessorá-las através de um sistema de inteligência que as abastece de informações. Assim, são capazes de montar um planejamento estratégico de crises e de contra-medidas.

Abadie e Gardeazabal (2005) argumentam que o terrorismo afeta o mercado de capitais, aumentando o risco e diminuindo retornos esperados. Suas estimativas indicam que o aumento do risco de terrorismo em um país diminui significativamente o investimento estrangeiro direto nesse país. Em geral, os investidores tendem a reorganizar suas carteiras de valores, abandonando aqueles títulos que representam

um maior risco em favor de ativos de uma liquidez semelhante, porém com maior segurança, como papéis de estado com vencimento a curto prazo ou similares, Saxton (2002).

Resultados empíricos mostram um efeito a curto prazo que diminui com o tempo, provavelmente devido à diversificação de riscos nas carteiras, que diminui a influência sobre determinados estoques ou valores, Johnston e Nedelescu (2005). Doug McIntyre (2016) afirma que embora não exista um método perfeito para proteger carteiras de ações contra efeitos de ataques terroristas, há ações com menor probabilidade de serem afetadas caso um novo ataque ocorra. Johnston e Nedelescu (2005), continuam com alguns exemplos, afirmando que ações empresas aéreas são muito prejudicadas em decorrência de ataques, pois o fato afeta a confiança do público em voar, e pode ocorrer, também, um aumento considerável no preço do combustível em função dos ataques.

Entretanto, surgiram novas opções de investimentos em carteira, como ações de empresas de defesa, porque elas tendem a reagir bem a esses momentos. A Boeing, empresa aeroespacial e de defesa, no primeiro dia de pregão após os atentados de Paris em novembro de 2015, subiu cerca de 1,25%. O investimento em ações no setor de defesa e segurança mostra-se eficiente em tempos turbulentos no mercado financeiro, e tendem a fazer parte das diversificações das carteiras, para diminuir o risco de perda.

Em uma primeira análise, é possível afirmar que empresas diretamente afetadas⁶ com os ataques tendem a ser as mais impactadas com saldos negativos em suas carteiras – exemplo: empresas de aviação civil – e outras tendem a ser impactadas de forma positiva, como as empresas de seguro. Segundo Neusa Soliz:

O que mudou consideravelmente foi todo o complexo de seguros, as companhias, que já tinham a intenção de aumentar os prêmios, aproveitaram a ocasião para reavaliar os riscos e reorganizar o sistema. Se a maioria dos riscos era calculável, o 11 de setembro abriu a dimensão do imprevisível e imensurável para o ramo que opera com calculadoras e hipóteses que traduzem em números. (SOLIZ, 2002, s/p).

Assim, as companhias de seguro logo após os ataques de 11 de setembro, recuperaram-se rápido do baque, apresentando altos lucros em seus balancetes. Soliz (2002) cita o exemplo da Munchener Ruck, uma das maiores empresas de seguro na

⁶ Essas empresas sofrem a ação direta dos ataques, exemplo: a empresa aérea United Airlines, que teve um de seus aviões sequestrado e logo após, colidido com uma das torres. Ou as diversas empresas, sobretudo financeiras, que operavam dentro do World Trade Center.

época, aumentou sua arrecadação em 20,5% no primeiro trimestre de 2002, depois de cobrar a mais por suas apólices. Soliz (2002) conclui que, logo após aos ataques de 11 de setembro, a guerra contra o terrorismo fez com que os gastos com as indústrias armamentistas tivessem um aumento exorbitante, voltando a gerar enormes lucros para a indústria bélica e armamentista. Só em 2003, em plena política de guerra ao terror de Bush, foram destinados 120 bilhões de dólares para a modernização da defesa, um salto de 18% em relação ao orçamento do ano anterior.

O terrorismo tende a afetar o comportamento humano em diversos aspectos de sua natureza e em seus campos de atuação social, devido à grande difusão do medo, que por sua vez tende a incidir nas tomadas de decisões comerciais e financeiras. Desta forma, para obter uma abordagem de maior relevância sobre a relação do terrorismo e economia, faz-se necessário uma reflexão sob a lente da economia sobre o primeiro objeto de estudo:

“Assim, uma segunda maneira de examinar as conexões entre economia e terrorismo é empregar conceitos econômicos para analisar os aspectos comportamentais do terrorismo, prestando especial atenção em como as respostas de indivíduos e organizações aos incentivos e restrições que eles enfrentam podem levar ao comportamento terrorista. (GOLD, p. 01 [20-?])⁷

Desta forma, o uso de um raciocínio embasado nas ferramentas técnicas e científicas da economia tornam-se partes fundamentais da análise, das possíveis reações comportamentais do mercado frente aos atentados terroristas, para José Cretella Neto: “O ponto de partida da análise econômica é o de que a violação da lei é ato que resulta em da escolha racional do indivíduo, que procura maximizar sua expectativa de ganho ou de utilidade.” (CRETELLA NETO, 2008, p. 150).

O economista Kelly D. Edmiston, publicou em seu artigo *The Economy of September 11*, cálculos referentes aos ataques do 11 de setembro, concluindo que os ocorridos custaram aos Estados Unidos mais de 100 bilhões de dólares (EDMINSTON, *apud* CRETELLA NETO, 2008.), assim distribuídos:

- Custos diretos – entre US\$ 54 e US\$ 83 bilhões;
- Lucros Cessantes das pessoas mortas – US\$ 6 bilhões;
- Edifícios destruídos próximos aos ataques – US\$ 16 bilhões;
- Trabalhos e remoção de escombros – US\$ 5 bilhões;
- Perdas materiais cobertas por seguros – 40 bilhões.

⁷ Thus, a second way to look at the connections between economics and terrorism is to employ economic concepts to analyze the behavioral aspects of terrorism, paying particular attention to how the responses of individuals and organizations to the incentives and constraints they face can lead to terrorist behavior.

José Cretella (2008), analisa a guerra, apoio e contraposição estatal ao terrorismo internacional, obtendo como resultado de uma equação econômica os cálculos feitos para saber os valores envolvidos neste processo, onde parte-se da premissa de que o terrorismo possui custos inferiores em relação aos conflitos armados tradicionais, pois “para os Estados Unidos, adotar estratégias militares combater o terrorismo – incluindo invadir Estados – acaba sendo menos oneroso do que absorver ataques terroristas a seu território.” (CRETELLA NETO, José. 2008, p. 161).

As operações de instituições terroristas e/ou indivíduos possuem custos inferiores, porém, suas investidas geram efetividade no tocante ao objetivo, e propaganda midiática gratuita. Para fazer frente ao poder de Estados em um contexto imperialista⁸ incorporando um confronto de eixos ocidente contra oriente, norte contra sul global, convertendo em uma escala diferente do tradicional Estado contra Estado, colocando o conflito entre Estado se opondo a Atores, sendo muitas vezes estes atores incógnitos. Para Hadjer e Schneider (2011, tradução nossa), “isto mostra como as organizações terroristas tentam maximizar os custos de suas ações ao adversário em comparação com o preço que eles têm que pagar por suas ações”⁹.

Os efeitos diretos dos atentados de maior porte, ou em regiões que o terror se instala por mais tempo podem ser notados na elevação dos custos para se comercializar internacionalmente, bens e serviços, aumento dos gastos para investimento em segurança, descrédito no cenário financeiro internacional, que afasta investidores financeiros, prejudicando o fluxo monetário do Estado afetado.

Em prognóstico de Abadie e Gardezabal (2003) que para ataques pontuais a economia tende a se recuperar de forma gradativa dependendo da integridade de interação financeiras e comerciais, mas se os ataques não são pontuais, têm frequência constante, ou o Estado estar suscetível a instituições terroristas (a exemplo da *Al'qaeda*, *ISIS*, *Boko Haram*) tornando-se imerso continuamente em ataques, tendem a sofrer mais gravemente em movimentações financeiras e econômicas, pois os custos continuam a aumentar, assim:

⁸ “tipo de relações internacionais caracterizadas por uma assimetria particular – a assimetria de dominação e dependência. [...] O imperialismo refere-se àquelas relações particulares entre nações inerentemente desiguais que envolvem subjugação efetiva, o exercício real da influência sobre o comportamento” (COHEN, 1976, p. 20)

⁹ It shows how terrorist organizations try to maximize the costs of their actions to the adversary in comparison to the price they have to pay for their actions.

“Verificou-se que os países ou regiões que dependem fortemente do turismo sofrem perdas econômicas significativas devido à persistência do terrorismo, perdas documentadas para a região basca em Espanha, bem como para a Áustria, o Egito, a Grécia, a Índia, Israel, a Itália, Quênia e Turquia.” (GOLD, David, p. 03, [20-?], tradução nossa)¹⁰.

Salientando inclusive que para David Gold que o contraterrorismo também acarreta elevados custos:

“Combater o terrorismo requer recursos, por isso impõe um custo econômico direto. Quando o terrorismo é percebido como uma ameaça, empresas, indivíduos e governos gastam mais em segurança (incluindo, por exemplo, gastos do setor público para segurança interna).” (GOLD, David, p. 04 [20-?], tradução nossa.)¹¹

Na profundidade do tema terrorismo, a partir dos autores supracitados conseguimos identificar um outro tópico relevante ao tema como um certo grau de importância em muitos casos, sendo este específico: a capacidade do Estado de cumprir com suas missões e faculdades de forma eficiente a não produzir vácuos e lacunas a serem preenchidas ingerência, expondo-se a que outros atores preencham esses espaços. Este espaço sendo preenchido por oportunidade de quem tenha capacidades para ficando suscetível a:

“grupos terroristas, organizações criminosas e participantes de guerras civis - quaisquer que sejam seus motivos originais - tornam-se cada vez mais preocupados com o negócio de ganhar dinheiro e com a prestação de serviços sociais e econômicos que os governos são incapazes ou não estão dispostos a oferecer.” (GOLD, David, p. 11, [20-?], tradução nossa)¹².

“Esses grupos terroristas se tornam provedores de bens públicos locais, preenchendo lacunas deixadas pelo fracasso de governos e organizações internacionais.” (GOLD, David, p. 10, [20-?], tradução nossa)¹³. Em razão algumas vezes de medidas para o contraterrorismo, os governos tratam os recursos finitos como se fossem infinitos e muitas vezes o retirando de outras funções básicas. O aumento exponencial do clima de terror ou risco eminente de atentados terroristas gera preocupação e movimentação de opinião pública em torno do tema, o que faz a

¹⁰ When terrorism persists for long periods of time, the costs can continue to mount. Countries or regions that depend heavily on tourism have been found to suffer significant economic losses from the persistence of terrorism, losses that have been documented for the Basque region in Spain, as well as for Austria, Egypt, Greece, India, Israel, Italy, Kenya, and Turkey.

¹¹ Fighting terrorism requires resources, so it does impose a direct economic cost. When terrorism is perceived as a threat, businesses, individuals, and governments spend more on security (including, for example, public sector outlays for homeland security).

¹² Terrorist groups, criminal organizations, and participants in civil wars—whatever their original motives—become increasingly concerned with the business of making money and with the provision of social and economic services that governments are either incapable or unwilling to provide.

¹³ These terrorist groups become providers of local public goods, in effect filling in gaps left by the failure of governments and international organizations.

sociedade pautar por mais segurança, levando os governos a realocar recursos de áreas prioritárias para área da segurança, tolhendo algumas funções básicas.

“Outra ferramenta que os governos implantam para combater o terrorismo são as sanções econômicas, incluindo os esforços para interromper os acordos financeiros de grupos terroristas.” (GOLD, Davi p. 15, [20-?], tradução nossa)¹⁴. Tais sanções visam cessar o fluxo financeiro e comerciais organizações terrorista em seu *locus operandi*, em tentativa de embargar todas as suas operações, por meio do congelamento de ativos, bloqueio de investimentos, restrições fiscais dos países onde a organização terrorista esteja instaurada, por que os mesmos não possuem economias visivelmente ativas podendo encontrar no mercado negro uma lacuna para suas negociações. O problema é que esta medida acaba sendo vaga e ineficiente, pois afeta pessoas que não estão relacionadas e que não possuem ligação com células terroristas, criando assim, uma dificuldade econômica que se torna sistêmica.

Nesta seção reunimos estudos que exponham que o terrorismo influência na economia, reverberando em efeitos diretos, a exemplo de redução comercial, retração financeira, quedas de investimentos, descrédito no cenário financeiros, e efeitos também indiretos no caso de medidas políticas como sanções econômicas, mencionando também custos relativos aos atentados, custos produzidos pelos mesmos, e os gerados em prol da mitigação e consumação das investidas terroristas.

Lições tiradas pelo mercado a partir dos atentados terroristas:

Para Mearsheimer (2001), no Realismo Ofensivo, os grandes poderes são determinados em grande parte com base na sua capacidade militar relativa. Para qualificar-se como um grande poder, um Estado deve ter recursos militares suficientes para enfrentar uma luta séria em uma guerra convencional total contra o estado mais poderoso do mundo. Mearsheimer (2001) ainda compara os anos de Guerra Fria, no qual a bipolaridade entre União soviética e Estados Unidos lançava uma sombra em todas as regiões do mundo, evidenciando o poderio militar das duas potências naquela época. Ele conclui que as características estruturais do sistema internacional fazem com que os Estados adotem a ofensividade e busquem a hegemonia.

¹⁴Another tool that governments deploy to combat terrorism is economic sanctions, including efforts to disrupt the financial arrangements of terrorist groups.

O poder não é um objetivo em si, mas sim um meio para manter a sobrevivência. Considerar que as capacidades econômicas e tecnológicas são importantes para transformar um Estado em uma grande potência, mas que só quando essas capacidades não bélicas se traduzem em termos militares um Estado pode ser considerado uma grande potência.

Para Arif e Suleman (2017), quando o terrorismo se torna uma parte do ambiente, a confiança dos investidores pode não ser abalada, e o mercado continua a funcionar normalmente. Os autores observaram que os setores do mercado respondem de várias maneiras aos ataques terroristas.

Segundo Johnston e Nedelescu (2005), apesar do mercado financeiro ter sido um alvo direto do terrorismo, nos ataques de 11 de setembro, afetando infraestrutura e operações, após os ataques, os mercados financeiros demonstraram resiliência e capacidade de retornar à normalidade rapidamente. Para Johnston e Nedelescu (2005), isso permitiu que os mercados financeiros desempenhassem uma das suas principais funções: a de digerir informações sobre o impacto econômico e financeiro dos ataques terroristas após um choque inicial e incorporar de forma eficiente as informações nos preços dos ativos para que elas pudessem ser integradas em decisões sobre o futuro.

Buesa Baumert (2007), ao analisar e comparar os resultados dos mercados financeiros nos atentados de Nova York, Madri e Londres, obtiveram como conclusão que o impacto é de menor intensidade e duração à cada novo incidente. O mercado aprende, e sua resposta é cada vez mais racional.

Johnston e Nedelescu (2005) continuam argumentando que, em comparação com o impacto dos ataques terroristas de 2001 nos EUA, os efeitos de 11 de março de 2004 em Madri, foram sentidos muito menos pelos mercados de capitais, e pelos mercados financeiros em geral. Na área do euro, o Dow Jones EURO STOXX caiu cerca de 3 por cento em 11 de março, e continuou a cair durante os dias seguintes, mas recuperou quase completamente até o final do mês.

Segundo Chen e Siems (2004), a *Federal Reserve* com sua política acomodatória¹⁵ foi capaz de acalmar e estabilizar a economia através do setor bancário e financeiro dos EUA. Além disso, os autores encontram evidências de que o aumento a resiliência do mercado pode ser pelo menos parcialmente explicada por

¹⁵ Segundo Nunes (2015), a expressão designa uma alteração na oferta de moeda pelas autoridades monetárias em resposta a uma alteração nos preços dos produtos e serviços.

um setor financeiro que fornece liquidez adequada para promover a estabilidade do mercado e sufocar o pânico. A principal conclusão é que os mercados financeiros foram eficientes na absorção dos choques determinados por ataques terroristas e continuaram a desempenhar suas funções de forma eficaz.

Eldor e Melnick (2004) tiveram uma conclusão similar em um estudo sobre como os mercados de câmbio reagem ao terror. Referindo-se aos ataques de 11 de setembro, os autores observam que os mercados conseguiram minimizar os impactos: eles avaliaram e responderam à crise racionalmente, diferente dos seres humanos, os mercados de capitais são capazes de absorver grandes choques rapidamente.

A *Federal Reserve* prontamente implantou uma ampla gama de instrumentos necessários para fornecer liquidez suficiente para garantir que os sistemas de pagamento estivessem operacionais e pronto para manter os mercados abertos. Várias etapas foram tomadas para tornar operacionais os mecanismos e sistema de mercado. Embora o espaço aéreo dos EUA tenha sido fechado por vários dias após os ataques, impedindo a coleta oportuna de cheques por seu banco de origem, o *Federal Reserve* continuou a fornecer crédito para verificações nos horários de disponibilidade habituais. Da mesma forma, a *Federal Reserve* incentivou as instituições financeiras a trabalharem de forma flexível com clientes afetados pelos ataques e contatar seu regulador para discutir maneiras de responder a aflição gerada pelos atentados, Ferguson (2003).

Segundo Flynn (2002), enquanto as autoridades monetárias e financeiras se concentravam em manter a estabilidade financeira, outras agências governamentais tomaram a iniciativa de introduzir estímulos fiscais para salvar indústrias afetadas pelos ataques. O congresso dos EUA anunciou sua intenção de agir como uma seguradora de última instância para cobrir companhias de seguros privados. Em 2002, foi aprovada a lei do seguro contra risco de terrorismo - *The Terrorism Risk Insurance Act of 2002* - que previa um sistema transparente de compensação pública e privada por perdas em atos terrorismo.

No título primeiro desta lei pode-se destacar seus objetivos que visa a partilha pública e privada por indenizações por perdas das seguradoras em atos terroristas, a fim de : 1) proteger os consumidores, resolvendo as perturbações do mercado e assegurando a contínua disponibilidade e acessibilidade generalizadas da propriedade e seguro contra acidentes para o risco de terrorismo; e 2) permitir um período transitório para estabilizar os mercados privados, retomar o preço de tal

seguro, e construir capacidade para absorver quaisquer futuras perdas, preservando a regulamentação do seguro estatal e proteções. Em síntese, a lei sancionada por Bush, em novembro de 2002, teve em seu objetivo central compartilhar os riscos junto às seguradoras, garantindo as seguradoras um reembolso pelo governo federal por parte das perdas em caso de ataques terroristas.

Esses e outros mecanismo foram incorporados após os ataques de 11 de setembro e foram fundamentais para que o mercado absorvesse crises de possíveis novos ataques. Como afirma Joel Krugel (2017), os mercados tendem a adquirir imunidade aos riscos geopolíticos com o passar do tempo, isto se deve, sobretudo, às medidas políticas e econômicas a fim de estimular investimentos, apesar de tais riscos.

Fareed Zakaria (2008) argumenta que, após os ataques de 11 de setembro, 3 meses foi o tempo que as bolsas de Nova York levaram para retornar seus níveis de estabilidade. Já na Espanha, em 2004, a bolsa de Madrid reagiu em um mês. Em Londres, 2005, em apenas duas semanas. Mostrando, portanto, que os efeitos dos ataques foram cada vez menores no mercado financeiro.

Todavia, Segundo Johnston e Nedelescu (2005), as diferenças no comportamento do mercado de ações na reação aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 em Nova York e o de Madrid em 2004, têm algumas explicações possíveis. Na medida em que os ataques em Nova York aumentavam a incerteza sobre a estabilidade do sistema financeiro global, os ataques à Espanha foram percebidos como tendo principalmente um efeito mais regional. A incerteza do mercado foi mais forte nos atentados de 11 de setembro porque dúvidas foram levantadas sobre a capacidade dos EUA de se recuperar e de absorver os impactos dos atentados na sua economia, e mais especificamente, na Dow Jones. Os autores continuam afirmando que, os ataques terroristas em Madri não atingiram diretamente os mercados financeiros e, portanto, não danificaram sua infraestrutura e sistemas de comunicação.

Analisar o comportamento do mercado financeiro em decorrência de atentados, comparando-os com os atentados de 11 de setembro, não é uma tarefa fácil por diversos fatores, alguns elencados acima, mas o mercado financeiro tirou diversas lições dos fatos ocorridos em 11 de setembro de 2001, como a capacidade de restabelecer fluxos normais a curto prazo logo após os ataques terroristas, e assim,

essas lições foram determinantes para uma absorção maior dos impactos causados por atentados.

CONCLUSÃO

Este presente estudo se sustentou na importância de relacionar Economia e Segurança sob uma visão Sul-Americana, possibilitando o enriquecimento da literatura existente sobre esses assuntos, que ainda possuem uma pequena produção de estudos científicos sob uma perspectiva Brasileira.

Ficou evidenciado que o terrorismo moderno, melhor caracterizado por sua quarta onda, de base religiosa, ainda representa uma ameaça aos países componentes da OTAN, causando medo e um sentimento de insegurança nas populações dos países abrangidos pela Organização do Tratado do Atlântico Norte. Autores como Buzan e Hansen (2009) mostraram que os atentados de 11 de setembro de 2001 causaram uma mudança estratégica nos estudos de segurança internacional, e principalmente uma mudança nas estratégias de segurança nacional dos EUA.

Com a globalização em evidência, e com um capitalismo cada vez mais informacional, o mercado financeiro ganhou protagonismo e assumiu o posto de principal plataforma na nova economia global. Isso significa que as bolsas de valores se tornaram a melhor maneira de realização de fluxos financeiros e de capitais, principalmente nos países ditos desenvolvidos. Dado esse contexto, ficou evidenciado que a maior bolsa de valores do mundo, a Dow Jones, sofreu uma de suas maiores quedas logo após os atentados de 11 de setembro de 2001, quedas que se comparam às maiores crises econômicas da história dos EUA, como a crise de 1929.

Autores como Luechinger e Stutzer (2004), Abadie e Gardeazabal (2005) defendem que o mercado financeiro sofre um impacto significativo após a ocorrência de atentados terroristas, devido à falta de confiança dos investidores, e ao risco de quebra das bolsas e das ações. Se algo ameaça o dinheiro do investidor, consequentemente menos confiança ele terá, para investir em determinada bolsa.

Em contrapartida, autores como Arif e Suleman (2017) defendem que os atentados podem não desestabilizar o sistema financeiro, já que os diversos setores do mercado respondem de forma diferente

A partir dessas duas linhas de pensamento foi possível entender que o mercado financeiro sofreu uma queda significativa após os atentados de 2001, mas que com o

passar do tempo cada vez mais tem conseguido respostas eficazes e eficientes através da liquidez, da estabilidade, e da capacidade de diminuir a desconfiança gerada pelo medo, explicando assim a minimização dos impactos dos atentados terroristas no mercado, nos dias de hoje.

Desta forma diante da falta de consenso na literatura sobre os impactos do terrorismo no mercado financeiro, se faz necessária a produção de mais estudos relacionados a esses assuntos para abrir uma agenda de pesquisa com o intuito de mensurar, os impactos positivos ou negativos do terrorismo na economia.

REFERÊNCIAS

ABADIE, Alberto; GARDEAZABAL, Javier. **The Economic Cost of Conflict: A case study of the Basque country**. American Economic Review 93, 2003: 113 -132.

ALCÂNTARA, P. **Terrorismo: Uma Abordagem Conceitual**. UFPR, Paraná, p.01-26, 2017.

ARIF, I; SULEMAN, T. **Terrorism and Stock Markets Linkages: An Empirical Study from a Front-Line Stage**. California: SAGE Publications, 18(2) (1-14), 2017
BACEN. **Hot Money**. Disponível em: < <http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 10 out. 2017.

BUESA, Mikel. Et al. **Economia Del Terrorismo: Teoria y Aplicaciones**. Disponível em: < http://webs.ucm.es/info/cet/documentos%20trabajo/Terror_teoyap_documento.pdf> Acesso em: 22 de março de 2018.

BUZAN, B; HANSEN, L. **The Evolution of International Security Studies**. Cambridge University Press, USA, 1. Ed. p.226, 2009.

CASTELLS, M. **A Sociedade Em Rede - A Era Da Informação: Economia, Sociedade E Cultura**. 10. ed. São Paulo: Paz E Terra, 2007.

CRETELLA NETO, José. **Terrorismo internacional: inimigo sem rosto – Combatente sem pátria/ José Cretella Neto**. Campinas, SP: Millennium Editora. 2008. ISBN. 978-85-7625-139.2.

DUFFIELD, M. **Development, Security and Unending War: Governing the World of People**. Cambridge, UK: Polity Press, 2007.

EXAME. Editora Abril, **Terrorismo pode aniquilar marcas, imagens e empresas**. Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/terrorismo-pode-aniquilar-marcas-imagens-e-empresas-shtml/>> Acesso em: 24 de março de 2018.

GOLD, David. **Economics of Terrorism**. New School University, [20-?].

HADJER, Tahmina Sadat; SCHNEIDER, Gerald, **Economics and Terrorism**. The Sage encyclopedia of terrorism/ Gus Martin (Ed.). – 2. ed - Los Angeles [u.a]: SAGE, 2011. – pp 173-179. – ISBN 978-1-412-98016-6.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos De Pesquisa**. 4. Ed. São Paulo. Atlas, 2008.

INFOMONEY. **Os mercados já não entram mais em pânico com ataques militares e terroristas – e a explicação é simples**. Disponível em < <http://www.infomoney.com.br/mercados/acoes-e-indices/noticia/6333190/mercados-nao-entram-mais-panico-com-ataques-militares-terroristas-explicacao> > Acesso em: 15 de abril de 2018.

JOHNSTON, B.R.; NEDELESCU, M.O. **The Impact of Terrorism on Financial Markets**. Disponível em: < <https://www.imf.org/external/pubs/ft/wp/2005/wp0560.pdf> > Acesso em: 23 de março de 2018.

LINS, João M. J. **O envolvimento dos Estados Unidos da América na atuação do Estado Islâmico**, 2015. Disponível em: < <http://sociologia-alas.org/acta/2015/GT-23/O%20envolvimento%20dos%20estados%20unidos%20da%20am%C3%A9rica%20na%20atua%C3%A7%C3%A3o%20do%20estado%20isl%C3%A2mico.docx> > Acesso em: 18 de abril de 2018.

MCLNTYRE, Doug. **Terrorism: How Wall Street Responds to Attacks**. Disponível em:< <https://www.investopedia.com/articles/07/terrorism.asp> > Acesso em: 23 de abril de 2018.

MERSHEIMER, J. **The Tragedy of Great Powers Politics**. W.W. Norton and Company, New York, p. 1-448, 2001.

MINAYO, M. **Pesquisa Social: Teoria, Método e criatividade**. 18. Ed. Pétropolis: Vozes, 2001.

NETO, C. **O Terrorismo Global E Suas Implicações Na Concepção Estado-Cêntrica Do Realismo Nas relações internacionais**. Revista De relaciones internacionales y ciências políticas, 2008.

RAPOPORT, D. **The Four Waves of Modern Terrorism**. California: University of Los Angeles, 2004

RESENDE, E. **As Condições De Possibilidade Da Guerra Ao Terror: Americanidade e Puritanismo Nas Práticas Discursivas Da Política Externa Norte-Americana No Pós-Onze De Setembro**. Porto Alegre, Século XXI, v.2, N°2, p. 31-53, 2015.

SIDHU, P. **A Study of Global Terrorism and Its Implications for International Relations**. University of Manitoba, Canada, Department of Political Studies, p.26, 2005.

SOLIZ, Neusa. **Terrorismo: o veneno que paralisa a economia mundial**. Disponível em: < <http://www.dw.com/pt-br/terrorismo-o-veneno-que-paralisa-a-economia-mundial/a-625356> > Acesso em 24 de março de 2018.

Apêndice

Apêndice I

Tabela produzida pelos autores

Ano	Local	Motivação/resumo/descrição	Quantidade de vítimas	Autor do atentado	Fonte
12/06/2016	EUA - Orlando	Orlando, o clube noturno é popular entre homossexuais.	49 Pessoas mortas a tiro em um clube noturno.	Um homem de 29 anos. O atirador havia jurado fidelidade ao EI	BBC
02/12/2015	EUA	Ataque sem motivação aparente a um centro de assistência a portadores de deficiência.	14 mortas pessoas mortas a tiro em uma festa de fim de ano.	Syed Farook e a mulher, Tashfeen Malik.	Reuters
15/04/2013	EUA	Atentados a bomba durante a Maratona de Boston.	3 pessoas mortas e 264 feridas.	Sem suspeitos.	BBC
17/08/2017	ESPANHA	Uma camionete avança contra pedestres no movimentado calçadão de Las Ramblas, no centro de Barcelona, horas mais tarde, atentado semelhante ocorre na cidade costeira de Cambrils.	Sem número de vítimas exato.	5 envolvidos no ataque que foi reivindicado pelo "Estado Islâmico". Os cinco envolvidos são mortos a tiros pela polícia.	BBC
03/01/2004	ESPANHA	Em Madrid, dez bombas explodem dentro de quatro trens lotados de passageiros. São os primeiros grandes atentados realizados por islamistas na Europa Ocidental.	As explosões matam 191 pessoas e ferem mais de 1.800.	A rede terrorista Al Qaeda assume a autoria.	BBC

10/10/2015	ESPAÑA	Um atentado durante uma passeata anti governo em Ancara	Mais de 100 mortos.	O Estado Islâmico é tido como suspeito	Reuters
26/07/2016	FRANÇA	Em Saint-Etienne-du-Rouvray, perto de Rouen, dois homens de 19 anos invadem uma igreja durante a missa. Ambos os criminosos são mortos a tiros pela polícia.	Padre, de 86 anos degolado, e fiel gravemente ferido.	O EI reivindica o ataque.	BBC
14/07/2016	FRANÇA	No Dia da Bastilha, um islamista avança com um caminhão contra uma multidão em Nice.	84 pessoas mortas.	Islamista não identificado.	BBC
16/07/2016	FRANÇA	Em Magnanville, um homem esfaqueia um policial. Segundo testemunhas, ele gritou "Allahu akbar" durante o ataque. Depois, ele faz a mulher e o filho do policial como reféns e, mais tarde, mata a mulher. Forças especiais da polícia matam o criminoso, que já havia sido processado por crimes violentos.	Policial e sua esposa.	O presidente francês, François Hollande, classifica o ocorrido de "ato terrorista".	Reuters
13/11/2015	FRANÇA	Em uma série de ataques contra bares, restaurantes e uma sala de shows em Paris.	130 pessoas são mortas e cerca de 350, feridas.	Suspeitos não identificados.	BBC
07/01/2015	FRANÇA	Invasão por 2 homens a redação do jornal satírico Charlie Hebdo, em Paris, matando 12 pessoas Um terceiro extremista invade um mercado de produtos kosher, matando quatro pessoas, antes de ser morto pela polícia.	16 pessoas mortas.	Três terroristas não identificados.	BBC
19/12/2016	ALEMANHA	Em Berlim, um tunisiano invade um mercado de Natal com um caminhão. O terrorista consegue fugir, viajando através da Europa até ser baleado e morto por policiais no norte da Itália, três dias mais tarde.	12 pessoas mortas.	O "Estado Islâmico" assume responsabilidade pelo atentado.	Reuters
24/07/2016	ALEMANHA	Em Ansbach, um refugiado sírio de 27 anos detona explosivos presos ao próprio corpo na entrada de um festival de música..	Várias pessoas feridas	O EI reivindica responsabilidade pelo ataque.	BBC
18/07/2016	ALEMANHA	Um refugiado de 17 anos do Afeganistão ataca passageiros de um trem perto de Würzburg, no sul do país, com um machado e uma faca.	Várias pessoas ficam gravemente feridas, e o agressor é morto pela polícia durante a fuga.	O ataque teve, possivelmente, motivação islâmica. O rapaz supostamente teria tido contato com o EI.	BBC

16/04/2016	ALEMANHA	Em Essen, três homens são feridos pela explosão de uma bomba caseira na entrada de um templo sikh, um deles gravemente.	3 pessoas feridas.	Os três autores do ataque, adolescentes de 16 anos, são presos. Eles tinham contato com salafistas alemães.	Reuters
26/02/2016	ALEMANHA	Esfaqueamento de um policial no pescoço na estação central de Hannover, cidade no norte da Alemanha.	1 pessoa morta.	Uma adolescente de 15 anos, alemã de ascendência marroquina, Ela tinha ligações com radicais salafistas.	BBC
02/03/2011	ALEMANHA	No aeroporto de Frankfurt, um albanês de Kosovo ataca, gritando a "Allahu akbar" ("Alá é grande", em árabe) um ônibus do Exército americano.	Dois soldados americanos mortos a tiros e outros dois gravemente feridos.	Homem Albanês	Reuters
22/03/2016	BÉLGICA	Terroristas suicidas detonam várias bombas no aeroporto de Bruxelas e numa estação de metrô.	32 pessoas mortas.	Suspeitos não identificados.	BBC
19/06/2017	UNITED.K	Uma van avançou contra fiéis que saíam da mesquita de Finsbury Park em Londres. Relatos de testemunhas indicam que o atropelamento teria sido proposital. A polícia confirmou que todas as vítimas pertenciam à comunidade muçulmana de Londres. O Conselho Muçulmano Britânico qualificou o incidente como a "mais violenta manifestação de islamofobia até hoje".	1 morto e 10 feridos.	O motorista, um homem de 48 anos, foi detido pelas pessoas que estavam no local antes de ser preso pela polícia.	BBC
03/06/2017	UNITED.K	Atropelamento dezenas de pessoas em sequência se dirigirem ao Borough Market, um local repleto de bares e restaurantes, e esfaquearem vários frequentadores.	O ataque deixou sete mortos e 48 feridos.	Três homens em uma van avançaram contra pedestres na Ponte de Londres, Os suspeitos, que vestiam coletes com explosivos falsos, foram mortos pela polícia.	Reuters
23/05/2017	UNITED.K	Ataque suicida em Manchester, após o show da cantora Ariana Grande. Foi o ataque terrorista mais mortal no Reino Unido desde os atentados de julho de 2005.	A explosão deixou 22 mortos e mais de 60 feridos. Mais da metade das vítimas era menor de 16 anos.	Um britânico de origem líbia. O "Estado Islâmico" assumiu a responsabilidade	BBC

22/03/2017	UNITED K	Um motorista avança com um carro contra pedestres na ponte Westminster, no coração de Londres. Em seguida, ele esfaqueia e mata um policial nos arredores do Parlamento britânico, antes de ser baleado e morto por policiais	3 pessoas mortas	Suspeito não identificado.	Reuters
22/05/2013	UNITED K	Em Londres, um soldado é morto na rua a golpes de faca e machadinha.	1 pessoa morta.	Os dois autores do crime fogem. A polícia prende os homens, dois britânicos convertidos ao islamismo.	Reuters
07/07/2005	UNITED K	Em Londres, quatro terroristas suicidas detonam bombas em suas mochilas, quase ao mesmo tempo, dentro de um ônibus e do metrô.	52 pessoas mortas e 700 feridas	4 terroristas suicidas.	BBC